

nal, numa prepotente tentativa de comprovação da superação final da fratura ocorrida no mundo das representações dominantes ocorrida no já distante ano de 1978.

**Algumas obras de Jacob Goerender**

GORENDER, Jacob. "Correntes sociológicas no Brasil". ESTUDOS SOCIAIS, n. 3-4, Rio de Janeiro, 1958.

GORENDER, Jacob. "A questão Hegel". ESTUDOS SOCIAIS, n. 8, Rio de Janeiro, 1960.

GORENDER, Jacob. "Contradições do desenvolvimento econômico no Brasil". PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, n. 2, Rio de Janeiro, 1963.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1978.

GORENDER, Jacob. "Introdução". MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. pp. VII-XXIII.

GORENDER, Jacob. "Apresentação". MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. pp. VII-LXXXII.

GORENDER, Jacob. "Questionamentos sobre a teoria econômica do escravismo colonial". ESTUDOS ECONÔMICOS, IPE, Instituto de Pesquisas Econômicas, IPE, São Paulo, 13(1), jan.-abril 1983.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1985.

GORENDER, Jacob. *A burguesia brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GORENDER, Jacob. *Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GORENDER, Jacob. "Introdução. O nascimento do materialismo histórico". MARX & ENGELS. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5 ed. ampliada e atualizada. São Paulo: Ática, 1998.

GORENDER, Jacob. "Fim do milênio ou fim da história". LPM - Revista de História. Anais do VII Encontro Regional da ANPUH-MG. Minas Gerais, 1991, 1 (2).

GORENDER, Jacob. "La América portuguesa y el esclavismo colonial". BONILLA, Heracleio. [Org.] *Los conquistados*. 1492 y la población indígena social. São Paulo: Xamã, 2003. pp.130-149.

Outras obras não citadas de Jacob Goerender:

GORENDER, Jacob. "Notas sobre uma questão de ética intelectual". ESTUDOS ECONÔMICOS. São Paulo, IPE-USP, 1984. 2 (14)

GORENDER, Jacob. "A participação do Brasil na II Guerra Mundial e suas consequências". SZMRECSANYI, T. & GRANZIERA, R.B. [Org.] *Genialio Vargas e a economia contemporânea*. Campinas: UNICAMP, 1986.

GORENDER, Jacob. "A revolução burguesa e os comunistas." D'INCAO, M.A. [Org.] *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed UNESP-PAZ e Terra, 1987.

GORENDER, Jacob. "Coerção e avanço na política". ESTUDOS ECONÔMICOS. São Paulo, IEA-USP, 1988. 3 (2)

GORENDER, Jacob. "A face escrava da corte imperial brasileira". Azevedo, P.C. & LISSOVSKY, M. [Org.] *Escravos brasileiros: do século XIX na fotografia de Christiano Jr. São Paulo: Ex Libris, 1988. pp. xxxi-xxxvi.*

GORENDER, Jacob. "Do pecado original ao desastre de 1964." D'INCAO, M.A. [Org.] *História e ideial: ensaios sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: EdUNESP-Brasiliense, 1989.

GORENDER, Jacob. "Crise morta ou reconstrução?" TEORIA & DEBATE. GORENDER, Jacob. "Teoria econômica e política revolucionária no marxismo russo". BUKHARIN. *Economia*. São Paulo: Ática, 1990. [Coord. Fl. Fernandes.]

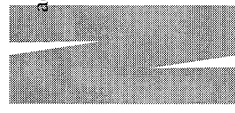
GORENDER, Jacob. "Fim do milênio ou fim da história". LPM - Revista de História. Anais do VII Encontro Regional da ANPUH-MG. Minas Gerais, 1991, 1 (2).

GORENDER, Jacob. "La América portuguesa y el esclavismo colonial". BONILLA, Heracleio. [Org.] *Los conquistados*. 1492 y la población indígena social. São Paulo: Xamã, 2003. pp.130-149.

Nos anos de 1990, a Argentina começou a ser conhecida no mundo por uma palavra diferente das corriqueiras "tango" ou "Maradona". A palavra "piqueteros", que denomina os movimentos de trabalhadores desempregados, atingiu uma identidade finalmente internacional quando em 19 e 20 de dezembro de 2001 aconteceu o "Argentinazo", a grande rebelião que provocou a queda do presidente Fernando de la Rúa e abriu uma crise do regime político e de suas instituições, principiando também uma nova etapa política no país.

# Os movimentos piqueteiros e o "Argentinazo"

Situação, problemas e debates de um movimento social do século XXI



Roberto Ramírez

(Tradução de Adrián Pablo Fanjul)

aqueles momentos, os olhares da América Latina e do mundo inteiro voltaram-se para a Argentina. Ambos, o Argentino e os piqueteros, foram produtos, por uma parte, de uma catástrofe econômico-social, e por outra parte, da resposta de mobilização que deram os setores mais gravemente prejudicados.

Embora, como explicaremos, ambos refletirem combinações peculiares da formação econômico-social da Argentina e das tradições de organização e de luta dos setores sociais envolvidos, também expressaram e expressam situações comuns da América Latina e dos países da periferia. Nessa margem habita 85% da humanidade. Porém, não somente ela recebe apenas virte por

Roberto Ramirez é editor da revista Socialismo o Barbarie (www.socialismo-o-barbarie.org) e militante do Movimento al Socialismo - Argentina.

cento da renda mundial bruta, mas também essa miserável fatia ainda tende a diminuir [dados do World Bank, 2002].

É devido a esse contexto que tanto as rebeliões que inauguraram o século XXI (na América Latina, sucessivamente as, do Equador, da Argentina e da Bolívia) quanto os diversos tipos de movimentos sociais emergentes, não devem ser considerados como fatos "excepcionais".

Na verdade, se no capitalismo globalizado continuam dominando as atuais tendências à

polarização social e ao empobrecimento, fenômeno que se percebe nos próprios USA, essas rebeliões e movimentos dizem muito respeito às perspectivas para o atual século. Nesse sentido, são de alguma maneira um "laboratório" político e social, onde esforçados ensaios de "tentativa e erro" têm sido efetuados.

Portanto, em relação ao Argentinazo e aos piqueteros, há de se levar em conta que são parte de uma história que ainda está sendo escrita ... por vezes, com sangue.

### "Bem-vindos à América Latina"

Até há pouco menos de duas décadas, a formação econômico-social da Argentina apresentava uma peculiaridade importante em comparação à maioria dos países latino-americanos: nunca houvera, nesse país, uma grande percentagem de população "excluída". "Durante décadas, a Argentina foi uma sociedade relativamente bem integrada do ponto de vista social. Em termos gerais, essa integração aconteceu em um contexto de abundância de emprego, a través de um conjunto de instituições que possibilitaram a incorporação de um amplo setor de trabalhadores urbanos em termos de direitos sociais, proteção social e estabilidade no trabalho." [Swampa e Pereyra, 2004]

Muitos argentinos, especialmente da classe média portenha, ou seja, da capital, região de maior riqueza relativa no país, tinham sido educados sob a idéia de que seu país fosse uma filial, embora um pouco mais pobre, da Europa, e não uma ruínosa semicôlonia latino-americana. Essa ideologia condizia, no entanto, a certos níveis da realidade. A industrialização por substituição de importações tinha sido, até 1976, isto é, até o começo da última ditadura militar finalizada em 1982/3, "a atividade central e dinâmica da economia". [Basualdo, 2002]

Esse predomínio possibilitou a constituição de um forte proletariado industrial e também de uma ampla "classe média" de aparência "européia", identificação culturalmente facilitada pela sua origem nas migrações do velho continente.

No entanto, essa industrialização, cujo ciclo, com altos e baixos, tinha começado nos anos de 1930, carecia de alicerces sólidos. Já na década

lhões perderam o emprego, dessa vez sem esperanças de recuperá-lo. As primeiras cifras já antecipavam o desastre. Enquanto a economia crescia quase nove por cento ao ano, o desemprego também começava a aumentar em ritmo acelerado, uma coisa que teria sido inconcebível em outras épocas.<sup>(1)</sup>

O desemprego foi alimentado por várias fontes: pela falência da antiga indústria e de outras empresas, que não se 'adaptaram' à 'abertura econômica', pelas privatizações das empresas públicas, com demissões em massa de seu pessoal; pela 'reconversão' das indústrias sobreviventes, que reduziram vagas; pela bancarrota da maioria das chamadas "economias regionais" em províncias do interior do país, etc.

Assim, em outubro de 1991, a taxa de desemprego era de seis por cento. No mesmo mês de 1994, ano em que houve crescimento de oito por cento, ela tinha subido para quase treze por cento. Em maio de 95, chegou a 18,4%. Desde aquele ano, depois de cair alguns pontos, voltou a subir com a depressão econômica de 2001. A taxa de subemprego era igual ou maior.

Devido ao desemprego e ao subemprego, em

### Várias rebeliões em uma só

É tema de um debate não concluído entre os marxistas argentinos a "definição" do Argentinazo. Por exemplo, na época, muitos o caracterizaram como uma "revolução operária e socialista". Do nosso ponto de vistas, cremos que precisamente o grande problema é que não chegou a ser um processo desse caráter.

Socialmente, a maioria da classe trabalhadora empregada, como tal, não entrou em luta, à exceção de setores minoritários, molecularmente, na qualidade de "vizinhos" e outros como ocupantes de empresas falidas que os próprios trabalhadores colocavam em funcionamento. [Cruz Bernal, 2003] Por sua vez, politicamente, não houve uma radicalização de setores de massas em direção a posturas socialistas. Creemos que é mais pertinente definir os fatos como uma rebelião que indicou o começo de um processo revolucionário.

escala ainda mais ampla por afetar também os "autônomos" supostamente "ativos", a maioria da sociedade afunda bruscamente sob níveis de pobreza e indigência nunca antes conhecidos na Argentina. Um estudo realizado pouco depois do Argentinazo, aponta que: "Incorporaram-se 3,4 milhões de novos pobres e 1,5 milhões de novos indigentes à massa preexistente de 14 milhões de pobres [...] que incluem 4,9 milhões de indigentes (que não podem adquirir uma cesta básica de alimentos). A Argentina tem a metade de sua população (37 milhões em 2000) afundada na pobreza e está entre os 15 países com pior distribuição da riqueza do mundo [...] A depressão acrescentou um milhão de novos desempregados à medonha percentagem de 40% da população desempregada ou subempregada. Desde a crise de 1930, não se via uma catástrofe semelhante em um país que não passou por guerras ou catástrofes naturais." [EDI, 2002, ]

É nesse contexto que nascem e se desenvolvem os movimentos "piqueteros", e que em 19 e 20 de dezembro de 2001 estourou o "Argentinazo".

Como todo acontecimento dessas dimensões, o Argentinazo apresenta uma combinação desigual e peculiar de causas, processos e sujeitos sociais e políticos. A "explosão de miséria" já descrita, agravada pela depressão da economia, combinou-se com a inadimplência do próprio Estado, com a expropriação das poupanças da classe média pelos bancos, por decreto do próprio governo, e com uma grave "crise de legitimidade" do regime democrático-burguês e de suas instituições - Poder Executivo, Legislativo, Judiciário e partidos políticos. Assim, o Argentinazo combinou, simultaneamente uma "rebelião da fome", uma "rebelião por trabalho", uma rebelião de setores médios defraudados pelos bancos e, no conjunto, uma "rebelião democrática contra a 'democracia' e contra o poder político" [Saenz e Cruz Bernal 2002].

1 - Salvo indicação contrária, as cifras referidas neste artigo são do Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC), censo estatístico do Estado argentino.

Esta rebelião democrática das bases sociais contra a "democracia" expressou-se na famosa palavra de ordem "que se vayan todos" (todos fora!). Ela resumiu, à vez, a abrangência e os limites do Argentinazo. Era muito certa como fórmula de rejeição contra a "democracia para os ricos", mas carecia de uma perspectiva que indicasse como transcendê-la, como passar para além dela. Isso implicava que, "para poder sustentar suas iniciais motivações democráticas sem que involuçõessem ou sem que sejam traídas, a rebelião popular deve progredir para além delas, ir em um sentido anticapitalista e socialista [...]. É avançar ou recuar". [Sáenz e Cruz Bernal, 2002<sup>21</sup>]

É, efetivamente, o recuo que aconteceu. Ao não "avançar", quer dizer, ao não entrarem na luta os setores ocupados da classe trabalhadora e também ao não ocorrer uma radicalização política maciça, mas apenas de setores de vanguarda, começou um processo de "lenta reabsorção de-mocrático-burguesa da crise". [Sáenz, 2004]

A virada nessa direção aconteceu depois de uma outra data importante para a história do Argentinazo: a feroz repressão aos movimentos piqueteiros, em 26 de junho de 2002, quando da chacina da Ponte Avellaneda, em Buenos Aires. Os seis meses anteriores tinham sido conturbados: O governo "interino" de Duhalde, que tomara posse em 1º de janeiro daquele ano, nomeado pelo Congresso, depois da queda de três presidentes em doze dias, pensou que reverteria o processo reprimindo o núcleo "duro"

### Os piqueteiros antes e depois do Argentinazo

O processo eleitoral combinado com um ciclo ascendente da economia depois da depressão de 2000-2002 abriu um período de estabilização e de retorno à "normalidade" do regime democrático-burguês. [Ramírez, 2003] Como apontara Sáenz, a "crise aguda" tinha sido encerrada. [Sáenz, 2004] No entanto, isso não significou uma volta à década de noventa, nem no que tange à situação geral, nem quanto às relações sociais de força. Não estamos já no período "convulsivo", de crise e mobilizações quase que diárias dos primeiros seis meses do Argentinazo. Mas, em um sentido mais amplo,

do Argentinazo, os movimentos piqueteiros. Houve um resultado já "clássico". A repressão, em lugar de amedrontar, foi estopim de grandes protestos e mobilizações. À beira do abismo, o "presidente interino" fez uma virada política: anunciou que adiantaria sua saída e convocou eleições.

As urnas conseguiram aquilo que as balas não puderam. A chave desse sucesso está nos limites que já apontamos como traço do processo em geral. Por parte da ampla vanguarda mobilizada no Argentinazo, majoritariamente piqueteira, mas também de trabalhadores de empresas ocupadas, assembleias de bairros, etc., não chegou a haver, como explica Yunes, "uma alternativa própria para a crise global em um terreno também global, de projeto de país, quer dizer, político [...]". Se isso não começava a virar, a pura negatividade do "que se vayan todos" acabaria dissolvendo-se na esperança de "que venha o menos ruim". [Yunes, 2003]

Diga-se de passagem que essa modalidade de desenvolvimento "em tesoura", entre a magnitude das lutas sociais, e a limitação e fraqueza da representação e influência política das vanguardas que lideram as mobilizações, vem sendo um problema comum dessas rebeliões do século XXI na América Latina. Não nos deteremos aqui na análise desse importante fenômeno, mas apontamos que ele é comum não apenas ao Argentinazo e às rebeliões do Equador e da Bolívia, mas também aos movimentos e lutas de outros países.

não foi fechada a etapa política aberta em 19 e 20 de dezembro de 2001.

Essa continuidade da etapa se expressa de diversas maneiras, como caracteriza Sáenz: "[...] administração de um mecanismo de conquistas, concessões e armadilhas sobre setores amplos das massas e da vanguarda (na maioria dos casos, míngalhas). Esse é um fenômeno tremendamente contraditório que expressa a pressão das massas sobre o governo e sobre a burguesia. É, ao mesmo tempo, sua utilização por parte do governo como instrumentos de domínio e de domesticação." [Sáenz, 2004]

Diferentemente disso, a década de 90 não foi um tempo de "concessões" enganosas, muito pelo contrário, de esmagamento direto dos setores da classe trabalhadora que tentaram enfrentar as privatizações e os planos neoliberais.

É que existe um importante elemento de continuidade do Argentinazo que, segundo palavras de Kirchner, faz com que a Argentina ainda não seja um país "normal". É a existência de uma vanguarda ampla, que, em sua grande maioria, está organizada nos diversos movimentos piqueteiros, mas que agora também tem expressão crescente em setores de trabalhadores empregados. Há estimativa de existirem, no país, mais de cem mil ativistas, espalhados em uma diversidade de agrupações.

O que a burguesia e a mídia exigem permanentemente ao governo é terminar com essa "anormalidade", por se manifesta, por exemplo, no fato de Buenos Aires ficar, "vira e mexe", parada, devido à interrupção do trânsito em pontes e avenidas. E vale esclarecer que essa cidade é a capital de um país centralizado, não federal como o Brasil, e que, para a Argentina, ela representa qualitativamente mais do que a soma econômica e política de São Paulo e Brasília representa para o Brasil.

A palavra "piqueteiro", de "piquete", começou a ser utilizada a partir da explosão social de Cutral Co, cidade da província de Neuquén, em junho de 1996. Era um povoado da Patagônia, dedicado à extração de petróleo. A privatização da empresa nacional de petróleo, a YPF, deixou grande parte de sua população sem emprego. Depois, houve rebeliões semelhantes em outras cidades petrolíferas do sul - Plaza Huincul - e do norte da Argentina - Mosconi e Tartagal -, na província de Salta. De suas origens naquele distante interior, os movimentos piqueteiros foram deslocando seu centro de ação para a Grande Buenos Aires, periferia urbana da Capital Federal.

Assim descrevem Svampa e Pereyra a formação do movimento: "O movimento piqueteiro reconhece duas fontes afluentes fundamentais: por uma parte as ações abruptas, efêmeras e por momentos unificadoras, dos

piqueteiros e insurreições do interior, resultado de uma nova experiência social comunitária vinculada ao colapso das economias regionais e à privatização das empresas públicas realizada na década de 90; por outra parte, remete à ação territorial e organizativa originada na Grande Buenos Aires e relacionada às lentas e profundas transformações do mundo popular, produto de um processo de desindustrialização e de empobrecimento crescente da sociedade argentina que começou na década de 70."

Os mesmos autores prosseguem a apresentação do fenômeno: "A primeira dessas fontes nos coloca na perspectiva da ruptura, tanto quanto a segunda tende a marcar a perspectiva de continuidade. Em rigor, poderíamos dizer que o movimento piqueteiro nasce ali onde a desarticulação dos contextos sociais e de trabalho acontece de maneira abrupta e vertiginosa, ali onde a experiência da descoletivização adquire um caráter massivo, ali onde o desemprego e o desemprego retém, em um feixe só, um conglomerado heterogêneo de categorias sociais [...]. Nesse sentido, é necessário destacar que os primeiros piqueteiros provinham dos (ex) trabalhadores melhor pagos do (ex) estado de bem-estar, com uma carreira estável que incluía famílias e gerações completas socializadas no contexto da estabilidade e do bem-estar social. Os primeiros bloqueios de estrada, iniciados em 1996-97, tiveram um caráter multisetorial e a posterior repressão [...] deflagrou verdadeiras insurreições populares. Diante do reclamo de criação de emprego genuíno, o governo nacional respondeu a través de uma série de políticas que combinam - até hoje - a repressão dispersa e seletiva com a cooptação política e, de modo mais generalizado, a atribuição de "planos sociais" assistenciais." [Svampa e Pereyra, 2004]

É possível, então, entender por que a Argentina foi e é, na América Latina e mundialmente, o país dos grandes movimentos de desempregados. Não surgiram a partir de setores secularmente "pobres" e/ou "excluídos", nem de "multitudes" como as que propôs Toni Negri ou de "identidades" sem sexo definido, ao estilo

de Laciari, mas de uma classe trabalhadora que ficou matricamente desempregada faz relativamente pouco tempo. Essa classe traz poderosas tradições de organização e luta sindical, com milhares de antigos ativistas e ex-representantes de seção ou de oficina. Além disso, embora nas bases predomine politicamente a consciência atrasada peronista<sup>3</sup>, no ativismo sempre existiram fortes correntes localizadas mais à esquerda, entre elas, o trotskismo.

A emergência dos movimentos piqueteiros, especialmente no seu desenvolvimento na Grande Buenos Aires, refletiu também o desabamento parcial da colossal estrutura político-organizativa do "peronismo" como rede de contenção da miséria e da protesto social.

### Heterogeneidade, reivindicações e política

A partir de diferentes correntes, foi desenhado o movimento que alguns caracterizam como um "movimento de movimentos" para fazer referência à heterogeneidade do movimento piqueteiro. [Svampa e Percyra, 2004]

Essa heterogeneidade obedece a vários fatores. E sobre ela também age o governo para cooptar dirigentes e domesticar os movimentos. Não se trata de uma originalidade argentina. Mutatis mutandis, acontece a mesma coisa com o resto dos movimentos sociais latino-americanos que emergiram e/ou entraram em cena na década de 90.

A heterogeneidade tem diferentes causas. Por uma parte, nos movimentos entrecruzam-se todo tipo de pressões e problemas sociais e políticos. Por outra parte, os movimentos não são alheios aos grandes debates estratégicos que atravessam a vanguarda na Argentina e em todo o mundo - reforma, revolução, autonomismo, partido, movimento, etc. E que esses movimentos, ainda que reúnam dezenas de milhares de desempregados, não deixaram de ser movimentos de uma grande vanguarda, embora às vezes localmente mobilizem setores de massas.

Inicialmente, os movimentos nasceram como

3 - Os referidos planos consistem em entrega de comida e pagamento de um auxílio ao desemprego. (N. do T.)

4 - Em termos gerais, consciência herdada do "peronismo", movimento populista de origem na década de 40 (N. do T.)

5 - Líderes de pequenos territórios urbanos, dedicados à promoção de candidatos nas eleições, e cujo reconhecimento na "freguesia" provém de sua possibilidade de obter e distribuir assistencialismo. O nome "puntero" remete à liberação na obtenção de votos. (N. do T.)

ples pergunta: que política adotar?

Os movimentos também são, simultaneamente, "uma 'cooperativa' de reparo e micro-produção [...] Uma 'cooperativa de distribuição' do obtida mediante a luta. E de produção, em pequena escala de micro-empresendimentos." [Sáenz, 2003]

### Movimentos e problemas em debate: cooptação, marginalidade autonomista, "pobrismo", "piqueteirismo" e unidade de classe

Para um observador que acabasse de chegar a Buenos Aires, esse "movimento de movimentos" apresentaria uma primeira imagem caótica. Seguramente, poderia perder-se nos labirintos das dezenas de siglas. No entanto, não há caos nenhum, mas uma lógica que tem a ver com as "coordenadas" que acabamos de apontar.

Essas "coordenadas" determinaram um rico debate teórico e estratégico sobre o movimento piqueteiro. Da mesma maneira, é em função das mesmas que pode estabelecer-se uma classificação desses movimentos. A relação de organização e de correntes que faremos a seguir não será exaustiva, já que seria longa demais, mas incluirá as principais.

1. Há, em primeiro lugar, os que optaram por entrar na cooptação-domesticação que promove Kirchner (junto com a repressão seletiva contra os refratários) para ir acabando com a vanguarda herdada do Argentinazo. Esse setor poderia ser caracterizado como de "piqueteiros fisiológicos". Não apenas recebem fundos do governo, mas também seus dirigentes foram recompensados com cargos públicos.

As duas principais correntes nesse setor são a Federación de Tierra, Vivienda y Hábitat (FTV), dirigida pelo agora deputado Luis D'Elia, e Barrios de Pie, cujo principal dirigente, Luis Ceballos, hoje é um alto funcionário do Ministério do Trabalho. A FTV é a agrupação de desempregados da CTA (Central de los Trabajadores Argentinos), uma das centrais trabalhistas, que mantém estreitas relações com a CUT brasileira e com o PT, com os que se identifica política e ideologicamente. "Barrios de Pie" é um movimento orientado por "Patria Libre", uma organização política de esquerda que, do "nacionalismo popular revolucionário" derivou no apoio incondicional a Kirchner.

Isso, que poderíamos denominar como o caráter que assume o movimento como tal, entrecruza-se com a questão política e acrescenta fortes tensões próprias; já que, contra as idealizações feitas especialmente pelo autonomismo, cremos, que, em verdade, organiza-se a "distribuição da miséria".

Nesse setor "fisiológico", localizam-se outras correntes menores, algumas que provêm do autonomismo, que analisaremos depois.

2. Com um pé no apoio ao governo e outro na oposição a Kirchner, encontra-se um outro movimento piqueteiro importante, a CCC (Corriente Clasista Combativa). Ela é orientada por uma tendência maoísta, o PCR (Partido Comunista Revolucionario). As posições oscilantes da CCC têm a ver com as esperanças incrivelmente alimentadas pelos maoístas em uma "burguesia nacional progressista", da que Kirchner seria representante. A conclusão política é não fazer oposição frontal ao governo, mas pressão para que "enfrente" o imperialismo e o FMI.

3. As correntes autonomistas que, sob o nome de MTD (Movimiento de Trabajadores Desocupados) foram possivelmente maioria na Grande Buenos Aires, nas vésperas e nos primeiros meses do Argentinazo, merecem um trecho especial.

É importante constatar que, como aconteceu com o autonomismo em outros lugares do mundo, depois de um rápido e importante crescimento, houve uma crise e uma dispersão igualmente velozes e evidentes. Hoje, fazer uma relação de todos os MTDs existentes e suas sucessivas divisões de divisões seria uma tarefa interminável.

O autonomismo piqueteiro levou ao movimento as teorias de John Holloway e do zapotismo, sobre "mudar o mundo sem tomar o poder", o antipartidismo e também a idealização do "micro-empresendimento". Como já apontamos, os movimentos são uma espécie de "cooperativas" de distribuição de "planes sociales" (auxílio) e de alimentos, e também de pequena produção. Isso, que é consequência da lamentável necessidade de não morrer de fome, transforma-se em virtude para os autonomistas.

Assim é firmada, como define Sáenz, "a utopia reacionária da construção de relações sociais 'paralelas', de 'economias alternativas', que se considera que signifiquem bases materiais para a emancipação dos trabalhadores, enquanto as principais alavancas das forças produtivas são deixadas em poder dos capitalistas." [Sáenz, 2003]

A orientação do autonomismo leva o desempregado a aceitar como definitiva sua marginalização da produção e portanto da classe trabalhadora. Ela tenta a construção de uma economia da marginalidade, da qual faz acirrada defesa. Mas a explosão do autonomismo teve a ver mais com uma "redução ao absurdo" de suas concepções "antipolítica" e "antipartido". Os Wilde falava sobre "o amor que não se atrave a dizer seu nome". As organizações autonomistas costumam ser, em verdade, partidos, organizações políticas, que não se atrevem a reivindicar-se como tais. Dessa maneira, cada um dos MTDs e/ou suas frações, como partidos "de fato", foram adotando posições políticas enfrentadas. Assim, por exemplo, parte do autonomismo, como é o caso do MTD Evieta, aderiu ao governo de Kirchner.

Em geral, hoje os diferentes MTDs, onde se encontra um arco-íris de posições do autonomismo radical e o anarco-socialismo até variantes populistas-peronistas e guevaristas, têm uma atitude que não é de apoio, mas também não é de enfrentamento em relação ao governo.

O Movimento Territorial de Liberación (MTL), cujos dirigentes pertencem ao Partido Comunista, localiza-se no campo da oposição ao governo. A pesar de não ser autonomista, o MTL também estimula e idealiza a micro-produção. Isso tem a ver com a orientação política do Partido Comunista de um "frente amplo" que incluía as PMES (pequenas e medianas empresas). Mas a conversão dos desempregados em "pequenos e medianos empresários" não parece atingir mais sucesso do que as "economias alternativas" promovidas pelos discípulos de Holloway e pelo comandante Marcos.

O Movimento Independiente de Jubilados y Desocupados - [Aposentados e desempregados] (MIJD) é hoje uma das mais importantes correntes piqueteiras. Colocado na oposição ao

governo, seu dirigente, Raúl Castells, foi recentemente preso durante várias semanas. O MIJD reúne e reflete os setores socialmente mais marginais do movimento, isto é, os desempregados que já perderam seus vínculos com a produção e com a classe trabalhadora. Em consequência, Castells substituiu as categorias de classe pelas de "pobres" e "ricos". Essa espécie de "pobrisimo" assume como absoluta a tendência ao empobrecimento que hoje existe na Argentina e em grande parte do mundo.

Sem reconhecer-se como membros desempregados de uma única classe trabalhadora, o MIJD não desenvolve uma política de unidade com os trabalhadores hoje empregados. Também não dá relevância ao reclamo de novos empregos, menos ainda à reivindicação de diminuição da jornada de trabalho. O movimento de Castells limita-se quase que exclusivamente ao reclamo de auxílio econômico e de alimentação na sua política tanto em relação ao governo quanto a empresas como supermercados, cassinos ou McDonalds.

O Polo Obrero é também um importante movimento. É orientado pelo Partido Obrero (PO), organização trotskista que tem afinidade com o PCO brasileiro. O PO desenvolveu uma concepção conhecida na Argentina como "piqueteirismo", tema de polêmica tanto nos movimentos de desempregados quanto no movimento operário em geral e na esquerda.

Trata-se da teoria da "classe operária piqueteira". Melhor, de que os piqueteiros constituem, por si, a "vanguarda política" da classe trabalhadora. Parafraseando um dos seus princípios ideológicos, seriam inclusive "um guia histórico para a classe operária do mundo todo" e "a expressão histórica mais profunda que produziu o movimento operário argentino". Para essa concepção, os piqueteiros passarão a representar, sem possibilidade de nenhuma concorrência, a direção do movimento, já que são "os operários com consciência de classe". [Altamira, 2002]

Cremos que os movimentos de trabalhadores desempregados tiveram e têm uma importância imensa. No entanto, nem na Argentina nem seguramente em nenhum outro lugar do planeta, a classe trabalhadora ocupada vai ad-

mitir os desempregados como direção política, social e de suas lutas. A situação da classe trabalhadora argentina é de fragmentação, em primeiro lugar entre empregados e desempregados, e depois, entre as diversas categorias de empregados - servidores públicos, precários, terceirizados, etc. Na sua consciência encontram-se profundamente fincada essa fragmentação, e por isso, é difícil, para muitos, reconhecer-se como uma classe só. O problema não resolvido da unidade de classe faz-se, em consequência, crucial. E os piqueteiros são parte, também, de uma vanguarda que se encontra a grande distância das massas trabalhadoras.

O governo e a mídia têm tirado hábil proveito dessa brecha. Há uma campanha permanentemente que mostra os piqueteiros como lumpens que querem viver sem trabalhar, vagabundos que, com seus bloqueios de pontes e de estradas impedem os bons trabalhadores de irem para o serviço. Essa campanha teve grande sucesso nas classes médias e entre muitos trabalhadores. A verdade é que, longe de serem a "vanguarda" ou a "direção" do movimento operário, os piqueteiros estão hoje perigosamente isolados. E logicamente, a auto-proclamação piqueteirista não contribui para superar essa grave situação.

Outros dois importantes movimentos com direção de correntes trotskistas são o MST (Movimiento Sin Trabajo "Teresa Vive"<sup>(6)</sup>), dirigido pelo Movimento Socialista de los Trabajadores e a Frente de Trabajadores Combativos (FTC), orientada pelo MAS (Movimiento al Socialismo). Diferentemente das outras correntes reformistas, autonomistas, maoístas, trotskistas, etc. que agem entre os piqueteiros, o MST não desenvolveu uma reflexão sobre os problemas estratégicos e mesmo teóricos que se apresentam nestes novos movimentos sociais. Ele adota, então, um curso errático, que na prática reduz esse movimento à luta "corporativa" por auxílios e comida.

A FTC e o MAS, pelo contrário, desenvolvem uma concepção "antipiqueteirista", que tem como eixo o problema da luta pela unidade de classe, começando pela unidade dos trabalha-

dores com e sem emprego. Partem do pressuposto "clássico" de que se os setores fundamentais da classe operária ocupada não entram em movimento, nenhuma "vanguarda piqueteira" pode substituí-los. Nesse sentido, foi é uma preocupação central do FTC a luta por emprego genuíno e não meramente por auxílio ao desemprego e por comida.

Assim, a FTC é a principal organização piqueteira que apóia o Movimento Nacional por la Reducción de la Jornada de Trabajo a 6 horas. Esse movimento foi constituído neste ano, em torno dos metroviários de Buenos Aires. Mediante uma greve que paralisou o transporte durante cerca de uma semana, conseguiram impor a jornada de 6 horas sem redução salarial. A consequência imediata foi a criação de 500 novos empregos no metrô.

Depois desse triunfo, os trabalhadores do metrô, junto com outras expressões do sindicalismo classista, organizações de desempregados e partidos de esquerda, chamaram a desenvolver uma campanha nacional pelas 6 horas. O fato é que enquanto quase a metade dos trabalhadores argentinos está desempregada ou subempregada, a maioria dos que têm emprego cumprem jornadas absurdas de doze e até dezesseis horas.

A grande massa de desempregados é um fator de pressão sobre os que ainda têm emprego, para eles não reclamarem pelo salário (que já sofreu uma perda real de mais de trinta por cento desde a desvalorização do peso em 2001), nem pelas condições de semi-escravidão trabalhista. É uma iniciativa muito importante de um setor da vanguarda operária de formular uma demanda comum tanto para os trabalhadores com emprego quanto para os desempregados. Se esse movimento ganhar impulso, poderá começar a ser resolvida a perigosa situação de isolamento a que chegaram os movimentos piqueteiros. ♦

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALTAMIRA, Jorge. "Discurso en el microestadio de Ferro", periódico Prensa Obrera 766, Buenos Aires, agosto de 2002.
- ALTAMIRA, Jorge. "Piqueteros: de vanguardia de la lucha a movimiento de masas", periódico Prensa Obrera 832, Buenos Aires, janeiro de 2004.
- AZPIAZU, Daniel. Concentración y centralización del capital en la Argentina durante la década de los noventa. Quilmes; FLACSO-Univ. Nac. de Quilmes-IDEP, 2000.
- BASUALDO, Eduardo M. "La crisis actual de la Argentina", revista Chiapas, N° 13, [www.ezln.org/revistachiapas/No13/ch13.html](http://www.ezln.org/revistachiapas/No13/ch13.html), febrero de 2002.
- CEPAL. Argentina: Rasgos generales de la evolución reciente. Santiago de Chile, agosto de 2002.
- INIGO CARRERA, Juan. "Estancamiento, crisis y deuda externa". Ciclos en la historia, la economía y la sociedad, N° 23, Buenos Aires, 2002.
- CRUZ BERNAL, Isidoro. "Las fábricas ocupadas y la recomposición del movimiento obrero", revista Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, setiembre de 2003.
- EDI. Propuestas de los Economistas de Izquierda, Buenos Aires, junho de 2002.
- KATZ, Claudio. "Las turbulencias de la economía latinoamericana", revista Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, julho de 2002.
- KATZ, Claudio. "Ellos o nosotros (La crisis en Argentina)", Puento al Sur, Buenos Aires, abril 2002.
- KATZ, Claudio. "El misterio argentino", [www.etabloid.com/clauidokatz](http://www.etabloid.com/clauidokatz), diciembre 2002.
- PENA, Milcíades. "Industrialización, pseudo-industrialización y desarrollo combinado", revista Fichas, Buenos Aires, abril 1964.
- RAMIREZ, Roberto. "Catastrophe économique et sociale, crise politique et renouveau des luttes en Argentine", revista Carré Rouge, Paris, N° 19, Automne 2001.
- RAMIREZ, Roberto. "De la 'plata dulce' a la 'economía de penuria' - El marco latinoamericano de los planes económicos del Sr. K", periódico Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, 25/ set/03.
- SAENZ, Roberto e Cruz Bernal, Isidoro. "Los impulsos del argentinazo", revista Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, noviembre de 2002a.
- SAENZ, Roberto e Cruz Bernal, Isidoro. "Argentinazo: política, estrategia y teoría - Reforma, revolución y socialismo a comienzos del siglo XXI", revista Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, noviembre de 2002b.
- SAENZ, Roberto. "Los 'problemas del argentinazo' al calor del argentinazo - Frente único, movimiento y partido", revista Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, março de 2003.
- SAENZ, Roberto. "Una experiencia que busca ser distinta - El Frente de Trabajadores Combativos", revista Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, março de 2003.
- SAENZ, Roberto. "Coyuntura nacional - Estabilización y ofensiva sobre la vanguardia", Socialismo o Barbarie periódico, Buenos Aires, 11/nov/2004.
- SVAMPA, Mariastella e PBREYRA, Sebastián. Entre la ruta y el barrio - La experiencia de las organizaciones piqueteras, Buenos Aires: Biblos, 2004.
- WORLD BANK. 2002 World Development Indicators.
- YUNES, Marcelo. "Un análisis marxista del gobierno de Kirchner", revista Socialismo o Barbarie, Buenos Aires, setiembre de 2003.

Se as razões de Bush para invadir o Iraque são mais que conhecidas, os motivos de Blair para apoiar as aventuras imperiais americanas são menos óbvios. Este artigo busca explicá-los, a partir das transformações recentes no trabalhismo britânico.

## Blair Bush y la guerra de Irak

Francisco Domínguez

El 17 Octubre de 2004, periódico inglés *The Independent* publicó el artículo "El juicio final" donde se informa el resultado de las exhaustivas investigaciones del Iraq Survey Group, la comisión designada por el presidente Bush encargada de determinar si había o no armas de destrucción masiva en Irak.

La conclusión es lapidaria: no se encontraron ni armas biológicas, ni químicas, ni nucleares, ni sistemas para detonarlas o lanzarlas, ni programas para desarrollarlas, ni ningún tipo de armas prohibidas por las decisiones del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas. Como se dice en Gran Bretaña: "Not a sausage!" (¡Ni siquiera una salchicha!). Es decir, la guerra fue totalmente innecesaria, se justificó sobre bases totalmente falsas, y tanto Bush como Blair y sus respectivos secuaces, simplemente le mintieron a sus parlamentos, a los ciudadanos de sus países, a las Naciones Unidas, al mundo todo.

Francisco Domínguez es Jefe del Depto de Estudios Latinoamericanos y dirige el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Middlesex.